

**7 PONTOS SOBRE FELIPE  
PENA: encontros e  
desencontros da rotina do  
pesquisador com seu  
conceito sobre jornalismo  
literário**

**7 FACTS REGARDING FELIPE PENA:  
encounters and mismatches of the  
researcher's routine with his concept  
of literary journalism**

**7 PUNTOS SOBRE FELIPE PENA:  
encuentros y desencuentros de la  
rutina del investigador con su  
concepto de periodismo literario**

**Romina Cácia Dutra Magalhães<sup>1, 2</sup>**

## RESUMO

O presente trabalho tem a intenção de mostrar um relato sobre os encontros e desencontros da rotina do pesquisador Felipe Pena com as características propostas em seu conceito de estrela de sete pontas para o jornalismo literário. A estrutura do texto leva em consideração sua teoria da biografia sem fim e relata sem preocupação cronológica, episódios do seu cotidiano que remetem à escrita acadêmica, ficcional e jornalística.

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tem especialização em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) e em Divulgação Científica pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Narrativas Culturais pelo programa multi-institucional Erasmus Mundus (Universidade de Santiago de Compostela, University of Sheffield e Université de Perpignan Via Domitia) e validado no Brasil pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Áreas de interesse: comunicação, literatura, divulgação científica e topofilia. [rocaduma@gmail.com](mailto:rocaduma@gmail.com).

<sup>2</sup> Endereço de contato dos autores (por correio): R. Vila Bagdá, 6239, Renascença - 64082-200, Teresina, Piauí, Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo literário; new journalism; perfil; biografia.

#### **ABSTRACT**

This paper tries to show an account of the encounters and mismatches of the researcher Felipe Pena's routine with the characteristics proposed in his concept of seven-pointed star for literary journalism. The structure of the text takes into account his theory of endless biography and reports without chronological concern, episodes of his daily life that refer to academic, fictional and journalistic writing.

**KEYWORDS:** literary journalism; new journalism; profile; biography.

#### **RESUMEN**

El presente trabajo intenta enseñar un relato sobre los encuentros y desencuentros de la rutina del investigador Felipe Pena con las características propuestas en su concepto de estrella de siete puntas para el periodismo literario. La estructura del texto toma en consideración su teoría de la biografía sin fin y relata sin preocupación cronológica, episodios de su cotidiano que remiten a la escritura académica, ficcional y periodística.

**PALABRAS CLAVE:** Periodismo literario; new journalism; biografía; perfil.

Recebido em: 15.04.2018. Aceito em: 16.07.2018. Publicado em: 08.10.2018.

## Introdução

Escrever, escrever e escrever. Felipe Pena parece nunca ter tido dúvidas sobre o que gostaria de fazer quando crescesse. Ele ri e lembra dessa certeza que tinha desde cedo e como o hábito da leitura matinal de jornais por seu avô acabou influenciando a escolha da profissão. A cena aguçava sua curiosidade e lhe fazia ter vontade de repeti-la. E foram aquelas páginas que acabaram abrindo seu caminho para a leitura.

Aprendi a ler aos quatro anos com meu avô pelos jornais. Ele lia edições populares e eu comecei a ler pela página de esportes. Depois ele foi me dando livros infantis e me ensinando. Sabia que queria escrever, porém não sabia exatamente se seria jornalista, escritor ou o que fosse (PENA, 2018).

Além das páginas de jornais, a leitura de dois livros mexeram especialmente com ele e fortaleceram o desejo de ser escritor. *O gênio do crime*, de João Marinho, e *O encontro marcado*, de Fernando Sabino, fizeram crescer a vontade de escrever e lhe deram a ideia de que tipo de texto gostaria de construir.

Queria escrever algo que fosse realmente agradável, que tivesse algo a comunicar e não só fosse a chamada alta literatura, mas que se comunicasse com o público. E desde sempre essa foi uma das minhas preocupações (PENA, 2018).

Quando chegou o momento de decidir qual curso lhe ajudaria a pagar as contas, o jornalismo pareceu ser uma opção natural. No entanto, enquanto trabalhava em redações de veículos de comunicação havia uma inquietação que sempre lhe acompanhou. Como comenta em seu livro *Teoria da Biografia sem Fim* (PENA, 2004), seus chefes insistiam que lugar de reflexão era na universidade, que ele “deveria ser apenas um repórter e não um acadêmico com

voz crítica e reflexiva” (PENA, 2004, p. 15). Mas Felipe nunca se convenceu dessa divisão e sentia-se continuamente influenciado pela experiência acadêmica que o fazia sempre pensar sobre que tipo de reportagem estava realizando; “não havia como não exercitar a crítica” (PENA, 2004, p.16).

Talvez tenha sido essa mesma inquietação que lhe fez tentar equilibrar o desejo da escrita (ficcional ou não) com a vida acadêmica. Além das graduações em Jornalismo e Psicologia na PUC-Rio, fez mestrado e doutorado em Literatura na mesma instituição e pós-doutorado em Semiologia da Imagem pela Université de Paris/Sorbonne III. Foi professor visitante da Universidade de Salamanca e da New York University, sub-reitor da Universidade Estácio de Sá e coordenador da pós-graduação em telejornalismo e em jornalismo cultural da mesma instituição. Passou pelas redações das seguintes emissoras: Manchete, Rede TV, UTV, Comunitária, TVE, Rede Globo e Globonews. Atualmente é professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), autor de 16 livros que passeiam entre gêneros como romance, conto, ensaio, crônica e biografia, e escreve semanalmente uma coluna para o jornal *Extra*.

Entre tantas ocupações, o fio condutor sempre é a pesquisa. Felipe a considera indispensável para qualquer uma de suas atividades.

Você não pode escrever sem pesquisar. É impossível. É fundamental você ter a pesquisa, sem ela você não escreve, não faz nada. Não escreve nem ficção, nem não ficção (PENA, 2018).

Independentemente do objetivo da pesquisa, ele acredita que suas diversas áreas de interesse são complementares. “Como na verdade uma coisa ajuda a outra, eu não lido com elas, elas me ajudam, elas lidam comigo”, avalia.

No entanto, há duas preocupações que acabam guiando seu

relacionamento com as diversas curiosidades intelectuais de sua rotina; seja na escrita, no jornalismo, na psicanálise ou na preparação de suas aulas. A primeira é autotradução, conseguir traduzir-se para si e para os demais, tomando o cuidado de não escorregar nos perigos de uma linguagem traiçoeira, que não lhe permita se comunicar adequadamente. A premissa de uma leitura agradável, assim como quando ainda sonhava em escrever, ainda é uma prioridade no dia a dia.

Procuo me expressar e escrever de uma maneira que seja acessível, simples, mas não superficial. Isso não pode ser confundido. A escrita simples não é a escrita superficial; não é a escrita fácil. A escrita simples é a laboriosa tradução da complexidade. Então, o que eu tento fazer é sempre traduzir a complexidade (PENA, 2018).

A segunda preocupação é ter a consciência de que nessa comunicação, os outros acabam sendo seus narradores e que nossa história não nos pertence. Felipe lembra que estamos sempre à mercê dos adjetivos que podemos achar que não merecemos ou dos advérbios que não queremos, por isso a primeira preocupação acaba respondendo esta segunda.

A gente tem que estar sempre preocupado com a narrativa que virá do outro sobre o que se faz. E isso é incontrolável. O leitor é, de fato, um outro escritor. Ele vai reescrever o que você diz. Assim como a pessoa que recebe uma mensagem, seu amigo, sua mulher, também é um escritor da sua vida. Então nós estamos inscrevendo, escrevendo e reescrevendo vidas o tempo inteiro. Inclusive as nossas (PENA, 2018).

Foi justamente o encaixe destas preocupações com a descoberta do jornalismo literário que motivaram Felipe a embarcar nessa área de pesquisa. Ele já estava trabalhando com jornalismo e escrevendo ficção quando começou a ficar íntimo de autores como Tom Wolfe e Norman Mailer, que foram sua porta de entrada no gênero como uma nova maneira de se expressar.

Foi depois do doutorado, quando eu já tinha pesquisado os biógrafos, que são jornalistas literários também, e passei a pesquisar outros

jornalistas literários. Então se tornou natural fazer parte desse contexto para mim. (PENA, 2018).

Embora essa nova forma de expressão lhe oferecesse uma saída para fórmulas como o lide, a pirâmide invertida e o jornalismo de precisão, que “são elevados à categoria de norma pelos manuais, pasteurizando textos e formatando procedimentos” (PENA, 2004, p. 50); ela trazia consigo mais um desafio para a vida do pesquisador. “Imagine o problema que é analisar a junção de dois discursos diferentes: jornalístico e literário”, questiona em seu artigo (PENA, 2007, p.13).

Num exercício de reflexão sobre as diversas interpretações do termo jornalismo literário, Felipe propôs um conceito e uma tentativa de sistematizar a divisão desse gênero narrativo.

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2005, p. 13).

Ele batizou essa definição de estrela de sete pontas do jornalismo literário por combinar características imprescindíveis que compunham, em conjunto, o aspecto transformador deste gênero. A seguir, vamos falar um pouco mais sobre cada uma destas pontas e como elas se relacionam ou não com a rotina do pesquisador.

## 1. Potencializar os recursos do jornalismo

Aqueles que optam pelo jornalismo literário não devem deixar de lado o

que foi absorvido para a prática do jornalismo diário. Na verdade, segundo Felipe, são novas estratégias profissionais que devem ser desenvolvidas, mas as técnicas narrativas, o cuidado com os detalhes da apuração, a observação atenta, a postura ética e a preocupação em se expressar claramente nunca devem ser abandonadas.

Quando questionado se lembrava de algum episódio marcante em sua experiência em redação que pudesse ter potencializado sua atividade como pesquisador, Felipe pensa, para por alguns segundos e confessa não se recordar de nenhum acontecimento marcante que conversasse com essa característica do jornalismo literário. Ao comentar sobre sua rotina, ele diz que a vida de um pesquisador combinada com a de escritor acaba sendo monótona, às vezes chata.

Levanto, antes de tomar café eu escrevo, tomo café e escrevo de novo. Então vou dar aula, vou pesquisar e escrevo antes de dormir. Eu não tenho nenhuma emoção na minha vida. Eu tenho emoções nos livros, porque minha vida não tem emoção nenhuma; é muito monótona. Minha vida nunca daria um livro. A vida de escritor é muito monótona. É por isso que você escreve a vida de outras pessoas, porque a sua é muito monótona. No meu caso é assim. Minha vida não tem nada de especial. É a mais ordinária das vidas. Eu não consigo lembrar de nada marcante que pudesse ser escrito, por exemplo. Nada. (PENA, 2018).

Entretanto, é quando escreve que se sente potencializando esse tédio diário em algo mais interessante. Deixando claro que nada ali tem a ver com sua vida, pois se tivesse, seria muito chato. O que lhe chama atenção está na vida dos outros.

A escrita é sempre a alteridade. Você tentar entender o outro, vivenciar o outro, ter empatia. Não se trata de você. Tratam-se de histórias, de personagens, de vidas humanas, de conflitos, das vicissitudes, das neuroses, das dores dos outros. É disso que o escritor

fala e que o jornalista fala também. É a única coisa que vale a pena, o interesse pelo outro. (PENA, 2018).

## 2. Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano

A segunda ponta da estrela do jornalismo literário ressalta a importância de romper com duas características exigidas pela imprensa contemporânea: periodicidade e atualidade. Não há o alarme diário do *deadline* e nem o requisito da pauta ser quente. Ir além é mais esperado.

Felipe considera que esses são traços compartilhados também com a pesquisa. Não é necessário que tudo seja novo e, às vezes, há uma confusão entre o novo e o atual. É possível fazer pesquisa sobre algo que aconteceu há muito tempo e não é novidade, mas que tinha algo encoberto. Então se faz uma descoberta que se torna atual.

A gente tem que ter muito cuidado, muito critério nessa discussão de novidade, atualidade, periodicidade; que são essas características que compõem o jornalismo contemporâneo. Ele tem que estar muito além disso, por isso que o jornalismo literário se preocupa com outras questões. E talvez a mais importante delas seja trazer a história humana, seja trazer essa humanização para o jornalismo (PENA, 2018).

## 3. Proporcionar uma visão ampla da realidade

Essa acaba sendo uma consequência da característica anterior. Ao não se enquadrar nos moldes da periodicidade e atualidade, o jornalismo literário possibilita que se contextualize ao máximo uma pauta, de modo que a informação não se prenda ao imediatismo do agora, mas que possa ser inserida num espaço temporal de longa duração.



Como pesquisador, Felipe não acredita que possa ter contribuído para uma perspectiva mais ampla do jornalismo literário. Ele faz questão de frisar que é uma pequena parte nessa discussão acadêmica.

A contribuição é sempre coletiva. São meus colegas escritores, professores e alunos que contribuem e constroem coletivamente o campo. Estou lá participando, dando meu mísero grão de areia para algo que é muito maior (PENA, 2018).

#### 4. Exercitar a cidadania

Felipe acredita que a profissão de jornalista deveria estar ligada às causas coletivas (PENA, 2005, p.13), mas reconhece que boa parte da imprensa acaba apostando na espetacularização e que o compromisso com o outro nem sempre é levado a sério. Entretanto, no jornalismo literário, a preocupação em contribuir com a formação e o exercício da cidadania é uma prioridade. A escolha de uma pauta deve prezar pelo compromisso com a realidade e o bem comum da sociedade.

Esse é um pensamento que Felipe carrega consigo; seja na hora de escolher temas para sua coluna, preparando suas aulas ou ao optar (ou não) por linhas de pesquisa. “Você tem que ter a preocupação com o outro. Sem isso nada existe, nada vai adiante”, diz. O peso desta característica no seu dia a dia é tão forte que muitas vezes lhe faz mudar de ideia ou planos para reescrever seus caminhos e sentir que está contribuindo com o outro.

#### 5. Romper com as correntes do lide

No jornalismo literário não há espaço para o lide. Pode até ser que as famosas seis perguntas básicas (Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê?) sejam respondidas ao longo do texto, mas não é algo que se planeje ser feito no primeiro parágrafo deste tipo de narrativa. Na verdade, há espaço para a subjetividade do autor de maneira explícita, sem as amarras que garantiriam uma pretensa objetividade. No lugar da pasteurização de textos sob a mesma forma, prima-se pela criatividade, elegância e estilo. E o uso de técnicas narrativas da literatura para deixar o texto mais interessante é bem-vindo.

Felipe acredita ter ido contra as expectativas sobre ele em dois momentos de sua carreira até agora. Primeiro com um de seus livros teóricos de Comunicação, o *Teoria do Jornalismo* (PENA, 2005), em que optou por romper com o discurso acadêmico e escreveu em primeira pessoa, numa linguagem simples, porém não superficial. O livro acadêmico trabalha com a complexidade do tema de maneira diferente e opta por fugir dos pressupostos esperados de um texto científico. “Eu usei o rigor de pesquisa, mas não o rigor de linguagem porque eu tinha um trauma de livros acadêmicos inacessíveis quando eu fazia graduação”, lembra.

Outra experiência que ele acredita que tenha compartilhado essa característica foi a escrita de seu primeiro romance, *Fábrica de diplomas* (PENA, 2011) também pela maneira como decide conversar com o leitor.

Eu tento me comunicar o máximo possível e usar essa estratégia de traduzir a complexidade através de um enredo cativante, de personagens cativantes, pelo menos eu pretendo que sejam assim, não sei se funciona assim (PENA, 2018).

Para conseguir deixar a criatividade fluir na narrativa, seja a acadêmica, a

jornalística ou a de ficção, Felipe afirma não ter nenhum espaço ou momento especial para isso, apenas a disciplina diária da escrita.

Sou um trabalhador como outro qualquer. É trabalhar todo dia e suar, suar, suar. Não consigo ver de outra maneira. Não tenho nenhum tipo de liberdade; só disciplina. É disciplina o tempo inteiro, todos os dias (PENA, 2018).

Ele acredita que sua disciplina é a única saída para poder conciliar todas as atividades profissionais e continuar escrevendo. “Não é o talento, isso é uma entidade metafísica. O que é palpável é só o trabalho, é só a disciplina”, afirma.

## 6. Evitar os definidores primários

A penúltima ponta da estrela lembra da importância de dar voz às pessoas anônimas, às fontes que normalmente não seriam abordadas, aos temas que talvez não valessem a pauta nos meios de comunicação de massa. O jornalista literário deve evitar prestigiar os especialistas de sempre, é preciso criar referências e histórias que fujam dos padrões apresentados pelo jornalismo diário; evitando o ciclo de repetição.

Felipe considera que essa é uma técnica possível de ser usada também na pesquisa. Há como recorrer às fontes além dos cânones, mas trata-se de uma opção ainda mais arriscada. “Acho que a gente tem que sair do óbvio, mas aí depende de você, como você vai exercitar a sua pesquisa, mas, sim, você precisa sair do seu mundinho e ir para outros mundos”.

## 7. Perenidade

A última das características apresentada no conceito de jornalismo literário da estrela de sete pontas fala sobre o desafio deste tipo de texto tentar não ter prazo de validade. “O objetivo aqui é a permanência.” (PENA, 2005, p.15) O texto deve passar longe da efemeridade e da abordagem superficial. Para alcançar esse objetivo, Felipe recomenda “uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articuladas em teias de complexidade e indeterminação” (PENA, 2007, p.08).

Já a pesquisa em jornalismo literário Felipe considera que não corre o risco de se tornar passageira.

Para mim, nenhuma pesquisa é efêmera, sempre tem o trabalho envolvido de um pesquisador, tem algum objetivo, que pode ou não ser alcançado, mas só a caminhada já vale a pena. O melhor da festa é esperar por ela, como diria o Marcel Proust. Não vejo muito como isso pode acontecer (PENA, 2018).

Dessa maneira Felipe continua acreditando que o jornalismo literário é uma boa alternativa para a armadilha da espetacularização tão em voga nos meios de comunicação. Ele encoraja a decisão daqueles que optam por esse gênero narrativo e faz um alerta. “Acho que quem envereda por esse campo está indo bem, mas tem que ter rigor, trabalho, tem que ter muito trabalho. Não bastam só as boas intenções. É preciso trabalhar muito.”

E entre aqueles que atuam neste campo de estudo de maneira interessante e que podem servir de inspiração, Felipe menciona três nomes: os pesquisadores Monica Martinez e Edvaldo Pereira Lima e, na TV, Caco Barcellos. “Acho que essas três pessoas são bem-sucedidas em seus campos. Tem muitas

outras, mas eu corro o risco de ser injusto”, pondera.

### **Subgêneros do Jornalismo Literário**

Para Felipe Pena, além das sete pontas, o conceito do jornalismo literário também está relacionado a uma questão linguística. Por isso, numa tentativa de sistematizar este gênero narrativo, ele identificou seis subgêneros (PENA, 2007, p.13). O primeiro deles refere-se às publicações produzidas no Brasil no século XIX, quando escritores passaram a exercer funções jornalísticas (editores, articulistas, cronistas e autores de folhetim). Em seguida, está a crítica literária, incluindo tanto as resenhas nas publicações midiáticas como os ensaios produzidos dentro do ambiente acadêmico. Aparece, então, o movimento americano da década de 1960 conhecido como Novo Jornalismo, que abrange também a vertente gonzo e o Novo Jornalismo Novo. Segundo ele, este seria um grupo de origem também estadunidense que se identifica muito mais pelas estratégias de apuração do que pela linguagem e que não tem valores unificados ao contrário do Novo Jornalismo.

O quarto subgênero faz alusão aos textos biográficos, tema que Felipe pesquisou durante o doutorado. Ele propõe um conceito de biografia que recusa a ideia de narrar a vida de alguém de maneira linear e aposta em episódios que aconteceram ao longo da vida do biografado e mostram suas múltiplas identidades sem preocupação cronológica. Além da divisão por capítulos nominais e independentes, ele também sugere que um site seja colocado no ar ao mesmo tempo que o livro físico é publicado, para que os leitores possam contribuir com suas versões sobre as histórias contadas, o que ajudaria a preencher possíveis lacunas na narrativa e transformaria, assim, a

narrativa em um texto “sem ponto final”. A teoria da biografia sem fim, publicada em livro homônimo, foi justamente o que guiou seus passos na construção do texto da biografia *Seu Adolpho* – uma biografia em fractais de Adolpho Bloch, fundador da TV e da Revista Manchete (PENA, 2005).

O penúltimo subgênero diz respeito ao romance-reportagem, narrativa que não possui nenhum dado ficcional, mas trabalha nos fatos apresentados ao leitor com ferramentas literárias. Por outro lado, a ficção jornalística, o sexto subgênero, parte de um episódio real, mas é livre para construir um enredo ficcional. Felipe considera que o jornalismo literário se baseia não na veracidade, “mas sim na verossimilhança, ou seja, na mimetização das estratégias ficcionais” (PENA, 2005, p.103).

Quando questionado sobre em qual destes subgêneros se sente mais à vontade, Felipe afirma que, embora tenha trabalhado com todos, nenhum lhe deixa verdadeiramente à vontade, pois os encara como trabalho.

Essa expressão não existe para mim. Trabalho em cima deles com o maior prazer, mas nunca estou à vontade, estou sempre tratando como vossa excelência, muito respeitoso e tratando com a maior cerimônia possível (PENA, 2018).

Apesar disso, ele gosta de brincar com os textos e confessa ter usado palavras de um de seus personagens fictícios em um livro teórico. Assim, o personagem fictício Antonio Pastoriza está presente tanto na epígrafe como no capítulo sobre ficção jornalística do livro *Jornalismo Literário* (PENA, 2006).

Ele está na epígrafe de um livro acadêmico e até hoje ninguém me perguntou quem era. Acho que você é a primeira pessoa para quem falo isso. Ninguém nunca me perguntou quem era ele, mas ele está lá, como se fosse um professor ou teórico. Então eu brinco com esse rigor da academia e gosto de fazer isso até para tirar essa pretensa seriedade (PENA, 2018).

## Considerações fractais

Felipe Pena continua concordando com a razão exposta em seus primeiros textos sobre jornalismo literário: escreve por não conseguir fazer música. Se pudesse, provavelmente tentaria algo com rock'n'roll, seu estilo favorito. Não à toa, seu conceito para o jornalismo literário faz referência a este tipo de arte:

Assim, defino jornalismo literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2007, p. 14)

E se pudesse dar um conselho aos que estão interessados em trabalhar com o jornalismo literário, seja na pesquisa ou na redação dele, seria: "Estude música e se você for bom, abandone a literatura e o jornalismo", fala rindo, mas com tom de certeza.

Em sua participação no TEDx organizado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), ele enumera alguns de seus principais fracassos e como eles fortaleceram seu aprendizado (e sua teimosia). A ausência de êxitos nos projetos listados funciona como um espelho que mostra aos alunos, enquanto conversam sobre os caminhos que devem ou não tomar na vida profissional. Ele considera que sua pesquisa em jornalismo literário também poderia estar no meio da lista apresentada durante sua palestra.

Tudo o que eu escrevi foi um grande fracasso. Eu não vejo sucesso em nada daquilo. São experimentos que conduzem a algum tipo de fracasso, não vejo possibilidades de sucesso. Ninguém faz pesquisa pelo sucesso. Você faz pesquisa para a reflexão. E fatalmente ela fracassa porque quase ninguém lê. Poucos pesquisadores leem. Entretanto, basta que um pesquisador leia para que o fracasso seja diminuído em termos. Esse é o grande paradoxo da pesquisa (PENA, 2018).

No entanto, o fracasso parece não lhe conter, mas, na verdade, lhe dá gás para querer ir contra outras barreiras, ousar e reportar informações de interesse público. Se sua pesquisa vai influenciar ou ajudar a vida de alguém, não sabe, mas talvez o tempo possa dar essa resposta. “Eu não tenho expectativas sobre nada; muito embora eu tente sempre influenciar a sociedade porque é o nosso papel. Se a gente vê uma injustiça a gente tem que denunciar”, defende o atual diretor regional sudeste da Intercom.”

Felipe acredita que a busca pela produção de algo permanente revela a segunda razão para a maioria daqueles que escrevem: a morte. Mas ele afirma não ter medo dela. Seu único temor é morrer sem deixar nenhuma contribuição para a sociedade ou para aqueles que o circundam. Morrer sem ter ajudado alguém é que lhe traz pavor.

Tenho muito medo de morrer sem ter ajudado o suficiente as pessoas que me rondam, a sociedade que me cerca; o círculo social que está ali se desenvolvendo. É por isso que eu brigo tantas brigas com meus artigos, é por isso que tenho processos, que eu não me calo, perco muitos trabalhos às vezes pelas minhas posições. Porque eu tenho medo não da morte, mas de morrer sem ter contribuído de alguma maneira (PENA, 2018).

Para o seu funeral, ele já deixou uma carta (PENA, 2013) com as instruções de como desejaria que este momento fosse organizado. Aos que ali estiverem, pede que um dos presentes leia em voz alta a crônica deixada como testamento e siga passo a passo o seu manual. Deixa claro que não gosta de



chororô, mas preferiria uma festa sem hora para acabar. E se nascesse novamente, faria de novo as mesmas escolhas: a amada, a família, os amigos e a profissão. Seus companheiros de jornada não devem se render às lágrimas, mas sorrir. Felipe diz que amigos, alunos e leitores foram a razão de tudo, que não tem medo da morte, apenas de ser esquecido. “Não é a morte que me assusta, é o esquecimento. Mas enquanto houver um leitor, ainda terei a esperança de ser lembrado.” (PENA, 2013, p.159)

## Referências

### Livros

PENA, Felipe. **Beijo na testa é pior do que separação – crônicas do fim de tudo**. São Paulo: Primavera Editora, 2013.

PENA, Felipe. **Fábrica de Diplomas**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

PENA, Felipe. **Seu Adolpho Bloch – uma biografia em fractais de Adolpho Bloch, fundador da TV e da Revista Machete**. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2005.

PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

### Artigos em periódicos

PENA, Felipe. O Jornalismo Literário nas imagens de Freud e Lacan: por uma teoria psicanalítica do jornalismo. **INTERCOM, São Paulo, v. 32**, p. 185-198, 2009.

PENA, Felipe. Vinhos, chás, livros e a imprensa: a formação e a deformação dos cânones literários. **Contracampo, UFF, v. 18**, p. 5-7, 2008.

### Anais de Congressos

PENA, Felipe. O jornalismo literário nas imagens de Freud e Lacan. In: Intercom, 2008, Natal. **Anais da Intercom**, 2008.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006.

PENA, Felipe. Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. In: XII Congresso da Compós, 2003, Recife. **XII Congresso da Compós**. Recife, 2003.

PENA, Felipe. Fragmento de memórias e tempos na construção do discurso biográfico. In: XXV Congresso da Intercom, 2003. **Anais do XXV Congresso da Intercom**, 2003.

PENA, Felipe. A biografia na fronteira entre o jornalismo, a história e a literatura. In: VII Congresso da IBERCOM, 2002. **VII Congresso da IBERCOM**. Madrid, 2002.

### Entrevista

PENA, Felipe. Entrevista concedida a autora em 16/04/2018, São Paulo.